

indústria

AJ 06606

## EDITORIAL

## Ritmo de crescimento

O Espírito Santo liderou a produção industrial do país no mês de junho, com crescimento de 4,9%. Mas, em apenas quatro Estados o desempenho do setor foi positivo, o que sinaliza provável desaceleração no segundo semestre

Os indicadores da indústria mostram que o ritmo da economia do país mudou. Está mais lento. Porém, ainda assim, o desfecho do ano deverá ser brilhante. Com certeza, o melhor desde o Plano Real. As estimativas de expansão do PIB para 2010 passam de 7%. O Fundo Monetário Internacional aponta alta de 7,1%, enquanto a Febraban (Federação Brasileira dos Bancos) aposta em 7,2%.

No entanto, deve ser considerado que 20 dos 27 segmentos industriais pesquisados pelo IBGE reduziram a produção de maio para junho. A média entre todos os ramos indica recuo de apenas 1%, mas fica clara a desaceleração do crescimento. Foi a terceira queda consecutiva.

Tal fato é comprovado também pela pesquisa Indicadores Industriais

elaborada pela Confederação Nacional da Indústria (CNI). Ficou constatado que de maio para junho, o faturamento do setor caiu 0,6%, as horas trabalhadas da produção recuaram 0,3% e o nível de utilização da capacidade instalada baixou 0,2%. Não são percentuais significativos, mas deixam claro o arrefecimento.

Quando as fábricas produzem menos, é porque diminuiu o volume de encomendas feitas pelo comércio e pelos setores de serviços. Então, o consumo arrefeceu. De fato, a demanda no mercado interno foi reduzida, apesar de continuar vigorosa em função da alta dos níveis de emprego, e da ampliação da oferta de crédito à população - apesar dos juros elevados. Não fossem os aumentos da Selic, desde abril, o gasto das famílias seria maior, conseqüentemente a indústria

**Apesar do recuo da produção industrial, a Febraban estima que o PIB do país deverá crescer 7,2% neste ano**

e o comércio teriam faturado mais.

O volume de bens produzidos pelas indústrias também teria sido maior em junho, e nos meses anteriores, se as vendas de produtos acabados ao exterior demonstrassem maior força. Entretanto, a balança comercial do setor de manufaturas amargou no primeiro semestre de 2010 o seu pior desempenho desde 1997. Isso atingiu diversos produtos, como veículos, tratores e máquinas agrícolas, derivados de aço, sapatos, confecções, etc.

Apesar de todas essas circunstâncias, o resultado geral da indústria no primeiro semestre foi positivo. Aliás, muito bom. Nos seis primeiros meses de 2010, o faturamento real (descontada a inflação) cresceu 12% sobre o mesmo período de 2009 (época em que o corte no IPI multiplicou vendas). Já as horas trabalhadas na produção aumentaram 7,7% e o nível de utilização da capacidade instalada subiu 3,1%, segundo dados da CNI. Também de janeiro a junho/2010, a produção fabril foi 16,2% maior na comparação com os mesmos meses de 2009.

Analisada a produção fabril em cada Estado no mês de junho, comparado a maio, o Espírito Santo despontou como o maior destaque, com alta de 4,9%. Apenas outras três unidades da federação tiveram desempenho posi-

tivo. Foram Amazonas (2,4%), Rio Grande do Sul (1,5%) e Ceará (0,7%).

No primeiro semestre/2010, o avanço da produção das fábricas capixabas foi exuberante: 36,9% a mais do que no mesmo período do ano passado. Celulose, produtos de papel e metalurgia básica alavancaram esse resultado. Melhor seria se o crescimento fosse menos concentrado, isto é, com participação mais efetiva de um número maior de atividades.

A perspectiva do PIB brasileiro crescer mais de 7% neste ano é animadora, sem dúvida. Porém, a expansão pode ser maior com incentivos a setores que ainda não deslancharam. Além disso, é necessário reduzir juros e impostos para baratear a produção. Estas são possibilidades a serem debatidas com o próximo governo, a partir de 2011.